



Geraldo Campos: "Dos marcos de minha vida, ser pioneiro da construção de Brasília é talvez o mais significativo"

"Vamos, é lá que está o futuro!" 63

De São Paulo

O sergipano Geraldo Campos mora há 52 anos na mesma casa, uma das primeiras do Plano Piloto, no SHIGS, o Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul, em Brasília. Advogado e servidor público aposentado, com 84 anos de idade, ele se orgulha de ser "candango", trabalhador pioneiro na construção da capital. Chegou ali em 1958, vindo do Rio de Janeiro. Os amigos o convenceram a encarar a aventura: "Vamos, não falta emprego, é lá que está o futuro!"

Pouco antes, em 1956 e 57, estudara economia política, filosofia e marxismo em Moscou. Ex-

combatente na Marinha e militante comunista, ele desembarcou no cerrado sem documentos, usando um apelido da clandestinidade. Encontrou um fervilhante canteiro de obras. Logo regularizou seus papéis e arrumou trabalho na Novacap, empresa responsável pela construção e urbanização da cidade.

"Se não fosse por Brasília, o Brasil central ainda seria uma região atrasada", comenta. Campos revisita alguns eventos que marcaram época. Ele foi um dos que denunciaram o massacre de operários da Construtora Pacheco Fernandes Dantas, baleados no carnaval de 1959 por reclamarem

do atraso no pagamento. O episódio foi retratado no documentário "Conterrâneos Velhos de Guerra", de Vladimir Carvalho.

O candango elegeu-se várias vezes presidente da Associação dos Servidores da Novacap. Esteve preso entre os anos de 1969 e 1971, por "subversão". Com a abertura política, foi um dos primeiros a serem anistiados e, em 1986, elegeu-se deputado constituinte pelo PMDB. Foi relator da Lei 8.112, que institui o Regime Jurídico Único do Servidor Público, e fundador do PSDB. "Dos marcos de minha vida, ser pioneiro da construção de Brasília é talvez o mais significativo", resume. (D.V.)